

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CAROLINE NASCIMENTO RAMOS

OS ESTUDOS DOS ESPAÇOS ESCOLARES E SUA RELAÇÃO COM O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL

2

MARINGÁ

2022

CAROLINE NASCIMENTO RAMOS

OS ESTUDOS DOS ESPAÇOS ESCOLARES E SUA RELAÇÃO COM O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso, do
curso de Pedagogia, da Universidade
Estadual de Maringá.

Orientação: Profa. Dra. Giselma Cecilia
Serconek

MARINGÁ

2022

OS ESTUDOS DOS ESPAÇOS ESCOLARES E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Caroline Nascimento Ramos¹
Giselma Cecília Serconek²

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo compreender a relação entre os espaços das instituições de educação infantil e o desenvolvimento da criança, por meio de estudo bibliográfico de materiais clássicos e contemporâneos na perspectiva da Teoria Histórico-Crítica. Para essa finalidade, realizamos um breve levantamento histórico sobre aspectos relacionados aos espaços escolares, a fim de entender as mudanças históricas ocorridas e como eram esses espaços. Portanto, esta pesquisa é qualitativa de cunho bibliográfico, trazendo discussões relacionadas à importância de pedagogos compreenderem o espaço escolar como um elemento dinâmico no currículo, de maneira que o espaço seja o potencializador do desenvolvimento social, cognitivo e motor da criança de 0 a 5 anos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Espaço Escolar; Desenvolvimento Infantil.

Abstract: This research aims to understand the relationship between the spaces of early childhood education institutions and child development, through a bibliographic study of classic and contemporary materials from the perspective of the Historical-Critical Theory. For this purpose, we conducted a brief historical survey on aspects related to school spaces, in order to understand the historical changes that occurred and how these spaces were. Therefore, this is a qualitative bibliographical research, bringing discussions related to the importance of educators understanding the school space as a dynamic element in the curriculum, so that the space is the potentializer of the social, cognitive, and motor development of children from 0 to 5 years old.

Keywords: Child Education; School Space; Child Development.

¹ Graduanda do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, ra108157@uem.br.

² Orientadora Profa. Dra. do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, pertencente ao Departamento de Teoria e Prática da Educação, gcserconek2@uem.br.

Introdução

Nesta pesquisa, objetivamos compreender a relação entre a organização dos espaços nas instituições de educação infantil e o desenvolvimento da criança, por meio de um estudo literário de materiais clássicos e contemporâneos que discutem essa temática.

Concernente ao exposto, a presente pesquisa é qualitativa de cunho bibliográfico. Segundo Gil (2010), trata-se de uma pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado; assim, constitui-se de livros, artigos científicos, dissertações, teses, dentre outros materiais. No que se refere à pesquisa qualitativa, Skalinski Júnior (2011) afirma:

1º) a pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas no desenvolvimento da Pesquisa Quantitativa; 2º) o pesquisador deve iniciar sua investigação, apoiado numa fundamentação teórica geral, numa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em discussão. A maior parte do trabalho se realiza no processo de desenvolvimento do estudo. A necessidade da teoria surge em face das interrogativas que se apresentarão no decorrer do estudo [...] (JÚNIOR, 2011, p. 129).

Ademais, os materiais estudados na pesquisa, contam com *sites* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Scielo, de acervo de universidades, a fim de encontrar e analisar resultados de pesquisas científicas que tratam da relação entre o ambiente escolar da educação infantil e o desenvolvimento infantil, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural (THC).

De acordo com a ótica da THC, o sujeito se desenvolve em suas relações e experiências sociais desde o momento em que nasce. A THC tem como principais representantes: Vygotsky (1896-1934), Leontiev (1903-1979), Luria (1902-1977), Elkonin (1904-1984), dentre outros que investigaram a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Segundo Pasqualini (2006):

A Psicologia Histórico-Cultural é uma vertente da ciência psicológica que nasceu no início do século XX na então União Soviética (URSS) tendo como principais representantes, L. S. Vygotsky, A.N. Leontiev e A. R. Luria. [...] o conjunto de seus trabalhos tem sido também denominado Psicologia Sócio-Histórica, Teoria Histórico-Cultural ou Teoria da Atividade (PASQUILINI, 2006, p. 60)

Ainda, a autora afirma que, de acordo com essa abordagem, o adulto tem um papel de direcionamento no desenvolvimento infantil, que se efetiva por meio da organização da atividade da criança, bem como pela transmissão de experiências de cunho social, promovendo o desenvolvimento individual e o avanço da criança (PASQUALINI, 2006).

Vygotsky (2003), distinguiu-se, em suas obras, pela ênfase nas especificidades qualitativas humanas e suas transformações em diferentes

contextos culturais e históricos. Dessa forma, as capacidades dos seres humanos se diferem das dos animais em razão da cultura histórica elaborada.

Ao considerar que, nesta pesquisa, analisaremos estudos relativos aos espaços escolares infantis, faz-se necessário pensar que os adultos que colaboram para o desenvolvimento da criança, são os docentes bem como a equipe pedagógica e os ambientes que auxiliarão esses conhecimentos sociais acumulados estão nessas instituições escolares.

A concepção de espaço escolar para esta pesquisa se define em amplos aspectos relacionados aos ambientes físicos e estruturais das instituições escolares, como refeitórios, pátios, salas de aulas, bibliotecas, banheiros dentre outros. O espaço escolar também é definido nesta pesquisa como espaço social.

A motivação da presente pesquisa é marcada pelas observações realizadas nos estágios obrigatórios e não obrigatórios em instituições escolares públicas de educação infantil. Observamos que os ambientes escolares merecem organização e planejamento que visem ao desenvolvimento pleno das crianças. Dessa maneira, temos a intenção de nos atentar para a organização espacial escolar e para o desenvolvimento infantil; assim, o problema desta pesquisa consiste na seguinte indagação: **qual é a relação entre a organização dos espaços das instituições de educação infantil e o desenvolvimento da criança?**

Diante da caracterização da pesquisa, definimos sua trajetória, inicialmente, com uma investigação da história do espaço escolar, por meio de um breve levantamento histórico. Na sequência, será investigada a importância de os profissionais da educação infantil aprimorarem o olhar para o ambiente escolar, a fim de compreender o espaço como um elemento potencializador do desenvolvimento infantil, se planejado e organizado de maneira adequada. Desse modo, abordaremos, na pesquisa, a relação entre o espaço escolar e o desenvolvimento infantil.

1. Um breve levantamento histórico sobre os espaços das instituições de atendimento infantil

Para que possamos compreender como o espaço de instituições de atendimento infantil se relaciona com o desenvolvimento da criança atualmente,

faz-se necessário verificarmos as características históricas específicas de seu ambiente, por meio de um levantamento histórico do cenário inicial da educação infantil e de seus espaços. Para isso, trazemos contribuições de autores que discorrem sobre o surgimento das instituições escolares no Brasil, como se constituíram os ambientes escolares e a criação da identidade da educação infantil no país.

Ferreira (2016) afirma que, por muito tempo, os espaços físicos de uma sociedade eram direcionados, especificamente, para um determinado público padrão – os adultos. As escolas públicas do Império se localizavam em paróquias, em cômodos de comércio, sem recursos, como iluminação, e abafados.

A necessidade de um espaço que solucionasse problemas sociais, advindos da falta de cuidados com as crianças, fez com que surgisse, então, uma instituição com caráter assistencialista, e da área da saúde, normalmente denominadas rodas. Sobre as rodas, Freire e Leony (2011, p. 213) mencionam que as condições “[...] variavam desde sua instalação em prédios considerados velhos ou em becos insalubres, até a suposta falta de zelo das administrações”.

Dessa forma, nessas instituições, não se tinha o objetivo de educar, mas sim de cuidar das crianças órfãs. Portanto, esses ambientes pareciam hospitais e asilos, com condições precárias. Ainda em relação às rodas, Castro e Sousa (2015) discorrem:

As crianças atendidas por essa roda eram filhos de escravos, além disso, também havia filhos de mulheres brancas, solteiras e mestiças que não tinham condições financeiras de sustentar seus filhos ou que tentavam esconder a vergonha de ser mãe solteira no início do século XX (CASTRO E SOUSA, 2015, p. 491).

Com isso, somente por volta de 1988, houve um discurso sobre creche para atender às crianças pobres – filhos de trabalhadores e escravos. No Brasil, Adorni (2001) comenta que a creche passou a ser reivindicada como um direito da mulher-operária, por meio de pressões, de maneira que a Assembleia Constituinte ganhou a aprovação das principais reivindicações na Constituição Federal de 1988. Dessa maneira, tem-se a inclusão da creche no sistema escolar, de forma que o Estado e a família tenha a responsabilidade e o dever da Educação. Verifica-se que a preocupação com a arquitetura dos ambientes escolares surge no período da República.

De acordo com Vieira (1988), o projeto de creche surgiu para desenvolver bons hábitos nas crianças. Por esse motivo, era importante que a instalação ocorresse em um lugar sem barulhos e em bairros com condições boas de higiene. Nesses ambientes, não haviam lugares específicos para as crianças menores de um ano, de modo que elas ficavam misturadas.

Ainda sobre os espaços das creches, Vieira (1988) enfatiza que não se tinha uma área descoberta para a recreação das crianças, tampouco jogos educativos ou com alguma finalidade pedagógica. Assim, o mesmo edifício servia para vários fins, asilo de menores, consultório de higiene infantil, jardim de infância e escola noturna.

A preocupação das creches era com alimentação, cuidado, higiene e segurança física, sendo pouco valorizados a educação e o desenvolvimento das crianças. Na década de 1990, a educação infantil começa a desenvolver sua identidade.

Para Pasqualini (2006), o surgimento das creches no Brasil marcou o século XX; esses lugares eram destinados ao amparo de filhos de operárias e reconhecidos pelos empresários como uma vantagem, uma vez que se tinha a necessidade da mão de obra feminina. Com os filhos das mulheres cuidados, elas trabalhavam mais tranquilas e produziam de forma mais eficaz.

O surgimento e estabelecimento da educação escolar como forma dominante de educação se dá, mediante determinadas condições de desenvolvimento da sociedade, tal hipertrofia da escola responde às necessidades bastantes concretas da sociedade capitalista na atualidade. No que se refere a educação infantil, como veremos, tais necessidades remetem fundamentalmente à demanda pela força-de-trabalho feminina (PASQUALINI, 2006, p. 21).

Paralelamente à história das creches, ocorre o surgimento do jardim de infância no Brasil, destinado ao atendimento dos filhos da elite. Com os jardins de infância, surgem novas propostas pedagógicas. As mudanças que ocorreram na educação infantil, destinada aos filhos da alta sociedade, foram desde os métodos até as estruturas físicas dos ambientes escolares, inspiradas na concepção de educação infantil de Froebel.

Segundo Guedes e Beltrão (2019), o educador alemão teve suas teorias respaldadas no afeto e no amor pela natureza. Nesse sentido, Froebel prezava por uma formação e desenvolvimento do homem por meio de influências externas para o interno do ser humano. Ele considerava a percepção do ser humano como um

ponto de partida para o processo de aprendizagem. Ainda, os autores asseveram que Froebel considerava a criança um ser pensante e criativo e que, para ela, seria importante o exercício de atividades livres. No que tange à concepção de Froebel, Gonzalez (2020) salienta:

Para Froebel, a criança é fruto da natureza e, como tal, precisa de cuidados para se desenvolver. Nessa perspectiva, ela é pensada como uma planta, que possui em si o instinto para sobreviver, mas necessita de terra fértil, de ser regada e nutrida, nesse caso, por bons hábitos e atitudes, estabelecendo uma relação vinculada à moralidade – princípios fortemente presentes nas concepções de infância e criança sustentadas pelo manual analisado, com desdobramentos para a proposta de educação defendida e para a ação docente (GONZALEZ, 2020, p. 214).

Gonzalez (2020) afirma que o primeiro jardim de infância apresentava muitos quadros nas paredes, figuras de objetos, mapas e vários materiais à disposição das crianças; assim, tais objetos eram expostos por toda a sala. No que se refere à organização dos espaços, a autora menciona o seguinte:

É possível constatar a especificidade da organização dos espaços, dos tempos, da seleção de materiais e objetos, bem como da organização das propostas a serem desenvolvidas com as crianças nas instituições de educação infantil, desde o Manual para os Jardins da Infância, o que evidencia o estabelecimento de uma cultura material próprias a essas instituições historicamente construída desde o final do século XIX, ou seja, desde a sua criação (GONZALEZ, 2020, p. 211).

Ainda, sobre a organização dos espaços do jardim de infância pioneiro, Menezes Vieira, Bastos (2011) cita:

Menezes Vieira, juntamente com sua esposa Carlota de Menezes Vieira, instala em 1875 um Jardim de Crianças no colégio Menezes Vieira, com ótimas instalações - um pavilhão hexagonal, especialmente construído no centro de um jardim, com ar e luz por quatro janelas (BASTOS, 2011, p. 19)

A autora Bastos (2011), discorre sobre a organização dos materiais do jardim de infância:

[...] o Colégio apresenta uma variedade de materiais e móveis de uso do jardim de infância: uma sala de visitas para boneca, uma caixa para selos e estampas; mesinha e cadeirinha para um aluno do jardim - modelo Menezes Vieira, fabricação nacional; mesa e banco para dois alunos do jardim - modelo Hachette, fabricação nacional; mesa com o tampo quadriculado para um aluno de jardim - modelo e fábrica norte americana; coleção

completa dos dons de Froebel para um aluno e para a professora - fábrica de Tedesco e Frères (BASTOS, 2011, p. 28)

As creches não surgiram para promover a autonomia e o desenvolvimento da criança mas sim com o intuito de dar assistência às famílias de trabalhadores, bem como tirar crianças das ruas e resolver problemas sociais, por exemplo, a mortalidade infantil. No que se refere aos jardins de infância, estas instituições surgiram com concepções pedagógicas, como no jardim de infância do Colégio Menezes Vieira. Assim, tinha-se objetivos educativos conciliando o cuidado com a educação moral para as crianças.

Observamos, nesta etapa da pesquisa, que os espaços e a utilização deles nas instituições de atendimento infantil estão vinculados à função social vigente. Ou seja, os espaços das rodas têm uma função sanitária; os espaços das creches têm uma função assistencialista; e os espaços dos jardins de infância têm uma função pedagógica.

Referente ao exposto, ponderamos que os espaços abordados sofreram mudanças diante das necessidades sociais, desde o abrigo infantil até uma ideia de espaço educacional, valorizando a importância de se educar e ensinar na infância.

Portanto, por meio das mudanças históricas e sociais e das novas concepções sobre educação infantil, um novo ambiente escolar surgiu, a fim de contribuir para o desenvolvimento infantil da criança de 0 a 5 anos, diante de uma prática pedagógica repensada e reorganizada.

2. A importância de os pedagogos compreenderem o espaço escolar como fonte de possibilidades de desenvolvimento infantil

O aspecto organizacional do espaço tem se revelado imprescindível como fator para o desenvolvimento da criança, pois ele compõe o material educativo da instituição, expressa suas intenções educativas, bem como a dinâmica de professores e alunos. O professor tem de questionar as finalidades educativas dos espaços disponíveis, a fim de planejar e fundamentar a organização do espaço, de forma que contribua para a aprendizagem da criança (FILGUEIRAS, 2010). Entendemos, com isso, que o professor deve observar o espaço por meio do

seguinte questionamento: a organização desse espaço possibilita o desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo da criança?

Diante do exposto, faz-se necessário olhar para o espaço e questionar quais finalidades educativas ele possibilita, para que, assim, seja um elemento ativo no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Ainda sobre a organização dos espaços, Filgueiras (2010) pontua que a forma como organizamos e utilizamos o espaço constitui uma mensagem curricular e reflete o modelo educativo e sua intencionalidade.

A investigação do espaço escolar se faz importante para que seja possível compreender a sua relação com o processo de aprendizagem e com o desenvolvimento infantil. O conhecimento e a compreensão do espaço escolar infantil pelos profissionais da educação permitem possibilidades de mudanças e contribuições para os sujeitos que frequentam esses espaços. A respeito do assunto, Souza, Hernandez e Silva (2016) afirmam:

Sabemos que o lugar, por si só, não qualifica a educação, mas entendemos que é a partir dele que a criança amplia seu repertório cultural e garante seu desenvolvimento. Por isso, ele deve ser organizado de modo que atenda às necessidades sociais, cognitivas e emocionais dos alunos (SOUZA, HERNANDES E SILVA, 2006, p.177)

O conhecimento dos profissionais sobre a relevância de um espaço organizado e planejado oportuniza uma vivência ativa da criança como sujeito. Um espaço bem organizado/projetado, além de beneficiar as crianças, é positivo para os docentes que ali atuam. Como discorrem Moreira e Souza (2016):

[...] a preocupação com um ambiente educativo contempla várias dimensões simultaneamente: a organização dos ambientes com vistas ao desenvolvimento físico e psicológico, desenvolvimento da identidade cultural, desenvolvimento profissional dos docentes e no diálogo com os pais ou responsáveis (MOREIRA E SOUZA, p. 2016, p. 235)

Os profissionais da educação infantil, bem como a equipe pedagógica, devem olhar para todo o espaço da instituição escolar como um ambiente de ensino e aprendizagem, não somente para a sala de aula, assim como questionam Souza, Hernandez e Silva (2016):

[...] 1) A sala de aula é o único espaço de aprendizagem da criança? O pátio da escola, o parque e demais ambientes são destinados apenas à

recreação? Qual a participação do movimento corporal na educação da criança na primeira infância? É possível compartimentalizar aspectos do desenvolvimento infantil (físico, intelectual, psicológico, social)? (SOUZA, HERNANDES E SILVA, 2016, p. 166-167)

O conhecimento e o planejamento desses espaços, por parte do docente, beneficiam os alunos em seu pleno desenvolvimento dentro da instituição de educação infantil, ampliando o repertório cultural. Na acepção de Ribeiro *et al.* (2012), os profissionais da educação devem compreender que o espaço escolar não é neutro e está repleto de produções e marcas de quem o organiza – e nele convive cotidianamente. Esse espaço pode se tornar uma ferramenta de possibilidades ou de limites; o que determinará isso é a sua própria organização.

Falco e Kok (2009) afirmam que, para os professores, os espaços são, principalmente, fontes de oportunidades, a condição externa que favorece o processo de crescimento pessoal. Dessa maneira, é necessário que os docentes e a equipe pedagógica tenham conhecimentos relacionados ao espaço escolar – a propósito, os benefícios destes carecem de ser pensados e estudados. Com essas novas ações, é possível abrir caminhos para romper antigos estereótipos ligados à história da educação infantil com caráter assistencialista.

O espaço escolar evidencia e reflete determinados discursos, representando um elemento significativo do currículo. Para Werle, Britto e Colau (2007), o espaço escolar não é uma estrutura neutra, sendo uma construção social que nos confere uma condição para as significações de aprendizagens. Ainda afirmam que, se defendermos a escola como um lugar privilegiado da infância na sociedade, precisamos repensar a construção, organização e ocupação dos edifícios escolares.

Compreendemos o espaço físico como uma ferramenta pedagógica, pois estes nos oferece condições de gestos diários, estimulando elementos simbólicos, além de estabelecer pontos de referência. De acordo com Thiesen (2011), quando o espaço vai além do ambiente físico, ele passa a ser um lugar de significados, valores e estímulos. Os lugares não consistem apenas em um ambiente físico e espacial, mas, sim, em um ambiente humano e cultural.

A escola tem uma história particular e quem a faz são seus atores: na educação infantil, as crianças são os principais atores da escola. O espaço pensado e planejado para a criança deve ser um local agradável, em que ela se sinta acolhida, confortável e segura, para realizar suas brincadeiras e ter o contato com o

mundo. Deve, também, ter um espaço destinado ao lúdico, como bibliotecas e lugares com jogos que auxiliem no avanço do desenvolvimento de habilidades cognitivas, aprendizagem de novas ações mentais, bem como a autonomia, ambientes onde a criança possa brincar e realizar diferentes representações. Acerca do exposto, Silva e Silva (2019) postulam:

Entende-se a relevância de um ambiente de sala de aula bem organizado, com mobiliário adequado e materiais disponíveis. Não só é relevante como fundamental para a formação e desenvolvimento da criança desde a infância e, de forma geral, contribui, decididamente, para uma boa prática pedagógica (SILVA E SILVA, 2019, p.6).

Com essas contribuições, podemos compreender a relevância de termos, nessas instituições educacionais, espaços preparados, organizados e planejados para a criança e seu desenvolvimento. É imprescindível olharmos para esses espaços e planejá-los, a fim de que possam atingir o objetivo da instituição. De acordo com as mudanças de concepções e das estruturas do ambiente, o objetivo dessas instituições não é mais o de dar assistência às famílias das crianças, e passa educar e promover o desenvolvimento de suas capacidades. Logo, rompe-se com concepções ultrapassadas em relação ao ambiente escolar, com o intuito de abrir novas discussões sobre a finalidade da escola.

3. Os espaços escolares e o desenvolvimento infantil

A perspectiva da THC considera o desenvolvimento psicológico e cognitivo do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico. A aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento do homem são decorrentes das interações do sujeito com o meio social e seu semelhante. Portanto, o ser humano consiste em um ser social e cultural por meio de suas interações (VITTI; AZEVEDO, 2018).

Singulani (2009) enfatiza que, para o ser humano se apropriar das qualidades humanas presentes na sociedade, considerando que elas não são inerentes ao nascer, é necessária a mediação do outro mais experiente para ensinar a função social dos objetos.

Assim, essa vertente valoriza as relações que o ser humano tem com o meio social. Sobre o assunto, Martins e Eidt (2010) afirmam:

[...] o ser humano se constitui nas e pelas relações que estabelece com o mundo físico e social, tendo em vista atender às suas necessidades, isto é, constitui-se por sua atividade. O trabalho social, atividade vital humana, por sua vez, é o processo por meio do qual se dá, em nível filogenético, a passagem do ser biológico para o ser sócio-histórico e, em nível ontogenético, a possibilidade – mais ou menos plena – de objetivação da personalidade humana (MARTINS E EIDT, 2010, p. 676)

Ainda no que concerne ao desenvolvimento humano, Bissoli (2005) profere:

Tendo em vista que o desenvolvimento humano é compreendido de forma sistêmica e interfuncional pela Teoria Histórico-Cultural, todas as atividades exercem importância para a formação de novas capacidades psíquicas, de novos reflexos, cognitivos e afetivos, acerca da realidade. Possuem, ainda, a função de permitir à criança, no movimento de seu desenvolvimento, a oportunidade de subordinar suas atividades entre si e de estabelecer os motivos estáveis de sua personalidade aqueles que se qualificam como geradores de sentidos e que compõem a forma singular de o indivíduo relacionar-se consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo à sua volta (BISSOLI, 2005, p. 159)

Nessa continuidade, de acordo com Vigotski (2003), o adulto tem um papel de direcionamento nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento da criança, que se efetiva por meio da organização da atividade, bem como pela transmissão de experiências de cunho social, promovendo o desenvolvimento individual da criança.

Considerando o desenvolvimento infantil da criança de 0 a 5 anos, sob a ótica da THC e de acordo com Bissoli (2005), a idade pré-escolar marca momentos fundamentais do desenvolvimento da personalidade da criança. Nesses momentos, consolidam-se transformações importantes do psiquismo em relação ao posicionamento do “eu” perante o mundo. Quanto ao desenvolvimento infantil, a autora destaca:

A criança, inserida nas relações sociais, atua no sentido de participar com as outras pessoas de seus fazeres, busca compreender a dinâmica das relações e a ela integrar-se. Sua integração permite que ela perceba e se volte, então, para novos elementos presentes nessas relações: os objetos e seus usos. É a apropriação de saberes, e a consequente formação de capacidades psicofisiológicas de um momento do desenvolvimento psíquico, o que permite que a criança busque modificar sua situação social de desenvolvimento, envolvendo-se, a partir de então, em novas e mais complexas relações. É desse movimento de complexificação de capacidades e motivos que se origina a nova atividade principal — e o novo momento do desenvolvimento psíquico (BISSOLI, 2005, p. 153).

O desenvolvimento infantil, portanto, vincula-se às condições de aprendizagem que são promovidas por adultos, em especial, a manipulação dos

objetos, a exploração de suas propriedades sensoriais e suas nomeações verbais, de forma que o desenvolvimento infantil se relaciona, estreitamente, com a aprendizagem (MARTINS; EIDT, 2010).

Ao relacionar o aprendizado da criança com o seu desenvolvimento, Vitti e Azevedo (2018) observam que, em todo o aprendizado da criança e em suas relações com o ambiente e pessoas com quem convive, o desenvolvimento não ocorre de forma direta, mas sim por meio da mediação cultural. Estas, inclusive, acontece por intermédio de instrumentos ou signos que modificam o comportamento do ser humano e o mundo em que vive.

Nesse ínterim, entendemos que o espaço escolar consiste em um importante mediador, pois nele acontecem as mudanças planejadas – ou não – dos sujeitos que convivem no local. Concernente ao espaço educativo, que é o foco dos nossos estudos, estes consiste em um lugar onde se constroem relações, as quais permitem ao docente criar situações pedagógicas. A respeito do espaço educativo, Singulani (2009) explana:

[...] entendo que seja fundamental organizar os espaços da creche, de modo a possibilitar às crianças pequeninhas um amplo contato com os objetos da cultura, bem como fazer do espaço da creche um local onde as crianças tenham os objetos culturais disponíveis para serem manipulados a qualquer momento, onde possam fazer suas escolhas, realizar várias experiências e atividades que sejam significativas para elas (SINGULANI, 2009, p.11)

A criança, por sua vez, como ser único, age e interage nesse espaço que contém objetos próprios. Por meio disso, ela consegue chegar à compreensão do mundo, de seus interesses, de suas perguntas, intenções e planos. Compete realçar: tudo isso leva à construção do conhecimento (FILGUEIRAS, 2010).

Os espaços escolares possibilitam o desenvolvimento infantil à medida que sua organização esteja de acordo com cada faixa etária, por meio de elementos que desafiam as crianças e promovam o desenvolvimento de suas potencialidades cognitivas e motoras. Diante disso, torna-se necessário, segundo Silva e Silva (2019):

[...] buscar uma organização espacial favorável para a criança e que contribua com a aprendizagem. Trata-se de estruturar um espaço que auxilie o desenvolvimento intelectual das crianças, onde as mesmas possam realizar as atividades de seu interesse, bem como desenvolverem suas capacidades (SILVA; SILVA, 2019, p. 5).

Logo, o espaço escolar que tem uma organização adequada e pensada, de acordo com os interesses e as necessidades das crianças, potencializa o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, emocional e social. Por meio dos espaços escolares, a cultura humana é transmitida à criança.

Para Pasqualini (2006), o processo de inserção da criança na cultura origina formas especiais de conduta e modifica funções psíquicas. Assim, um ambiente vazio, inadequado e poluído compromete a interação da criança com o outro e com o patrimônio humano. No ideário da autora, a criança deve ser um sujeito ativo, realizando a atividade prática que, segundo ela, consiste em uma categoria fundamental para a compreensão do desenvolvimento infantil.

Dessa maneira, é necessário possibilitar um ambiente facilitador para o desenvolvimento social, por meio de valores, como preservação e valorização de um espaço público. Isso pode contribuir, também, para que crianças e adultos (docentes) se sintam confortáveis e reconheçam como um lugar que lhes pertence. Estudos revelam que o ambiente físico pode determinar, em grande parte, as experiências da criança, o seu aprendizado, bem como o seu desenvolvimento. Mesmo que a qualidade de vida e a qualidade do ambiente não dependam apenas das características físicas, estas influenciam e têm um papel muito importante (RIBEIRO *et al.*, 2012).

Vale realçar a imprescindibilidade e a magnitude da valorização da concepção do espaço escolar como um elemento de possibilidades de desenvolvimento e potencialização. O espaço de qualidade, pensado e organizado, é o lugar onde acontecem as transformações sociais e educativas para as crianças, um lugar de possibilidades, de apropriações culturais, de experiências e vivências. Um rico mediador e instrumento importante do docente na atuação da prática pedagógica.

Considerações finais

A apresentação desta pesquisa e dos estudos bibliográficos realizados, verificamos que o espaço escolar sofreu mudanças com o passar dos anos. A utilização desse espaço não visava à potencialização do desenvolvimento infantil,

mas ao atendimento de crianças em relação às questões sanitárias e de caráter assistencialista.

Surgem, com isso, as ideias associadas à educação e a valorização da infância, bem como a importância de promover e possibilitar o desenvolvimento infantil. A partir disso, faz-se necessário um novo espaço que revele as intenções pedagógicas do docente, bem como que auxilie o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos que frequenta esse espaço cotidianamente e nele convive. Nesse ambiente, a criança se relaciona com os seus semelhantes e adultos por meio de trocas de experiências e aprendizagens mediadas pela cultura.

O mediador de conhecimentos, no ambiente da instituição da educação, é o docente, que deve cumprir a organização sob a nova ótica de educação infantil, a qual visa a cuidar e educar, promovendo o desenvolvimento integral da criança. Os estereótipos da educação infantil devem ser superados, de maneira que as discussões sobre o desenvolvimento infantil e aprendizagem sejam estudadas e estimuladas.

O espaço escolar rico em possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento permite o acesso das crianças à literatura, à arte, à cultura, às interações, aos diferentes tipos de jogos e brincadeiras. Tudo isso faz com que a criança atue nos diversos espaços da instituição de educação infantil, e não somente a frequente. As interações e as atividades lúdicas propiciam o desenvolvimento de suas capacidades motoras, cognitivas, sociais, emocionais e ações mentais que desenvolvem a autonomia da criança.

Torna-se imprescindível para que aconteçam diferentes atuações no espaço escolar, faz-se necessária a organização dos espaços rotineiramente, de acordo com o ritmo da turma e os objetivos de aprendizagens para ela. Dessa forma, o ambiente não deve ser o mesmo o ano todo, mas carece de possibilitar novas e mais complexas atuações a cada dia. As crianças devem agir e modificar o ambiente em que vivem, interagindo com aquele mundo. Precisam se sentir pertencentes e acolhidas, confortáveis, participantes da história que ali acontece todos os dias.

Entendemos que os objetivos de nossa investigação tenham sido alcançados, levantando estudos bibliográficos sobre aspectos históricos relacionados ao espaço escolar e analisando obras de autores clássicos e contemporâneos. Esses estudos contribuíram para o processo de compreensão das relações entre os espaços escolares e o desenvolvimento infantil da criança de 0 a 5 anos.

Concluímos, de acordo com os resultados dos estudos da pesquisa, que os espaços escolares organizados potencializam o ensino e permitem o desenvolvimento infantil. Constatamos que o ambiente escolar colabora com o fato de que a criança atue como sujeito histórico e social. Pontuamos, ademais, que tal ambiente consiste em um mediador da cultura humana.

Todos os espaços físicos da instituição de educação infantil devem ser contemplados pela organização que visa à aprendizagem e ao desenvolvimento infantil em seus múltiplos aspectos: social, cognitivo, afetivo e biológico, partindo do conceito de que, nesse ambiente, acontecem relações sociais e educativas. As experiências vividas nesse lugar devem, portanto, valorizar as novas aprendizagens da criança e, conseqüentemente, as suas novas habilidades.

A organização dos espaços da educação infantil e a sua relação com o desenvolvimento infantil se efetivam quando modificamos a prática pedagógica e as suas intenções curriculares. Consideramos, portanto, o espaço escolar uma importante ferramenta pedagógica, e as questões relacionadas ao problema da pesquisa foram esclarecidas.

Referências

ADORNI, Dulcinéia da Silva. **A creche e o direito à educação das crianças de 0 a 6 anos**: de agência de guarda a espaço educacional. Boa Esperança: Faculdades Integradas FAFIBE, 2001.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Manual para os jardins da infância**: ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira : 1882. 1. ed. Porto Alegre, RS: Redes Editora, 2011. 255 p., il.

BISSOLI, Michelle de Freitas. **Educação e desenvolvimento da personalidade da criança**: contribuições da Teoria Histórico-Cultural. 2005. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2005.

CASTRO, Mayara Alves de; SOUSA, Alba Patrícia Passos de. História das creches no Brasil até a Constituição de 1988. *In*: ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 14., 2015, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 490-499.

FALCO, Fernanda; KOK, Maria da Glória Porto. **A importância do espaço na educação infantil**. [S. l.: s. n.], 2009.

- FERREIRA, Helena Borges. **Arquitetura nas escolas infantis de 0 a 5 anos: a influência dos ambientes na adaptação e no desenvolvimento da criança, ênfase em Campanha-MG**. 2016. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha, 2016.
- FILGUEIRAS, Marta Sofia Carreiro. **O espaço e o seu impacto educativo: quais as principais características da gestão e organização do espaço sala em educação infantil**. Lisboa: [s.n.], 2010.
- FREIRE, Maria Martha de Luna; LEONY, Vinícius da Silva. **A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930). História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 199-225, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONZALEZ, Keila Cristina Arruda Villamayor. **Concepções de Infância: um estudo do manual para os jardins da infância do Dr. Menezes Vieira (1882)**. 2020. 296 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- GUEDES, Ivan Claudio; BELTRÃO, Flávia Agiani. Friedrich Froebel: Contribuições à Educação Infantil. **Revista Acadêmica Faculdade Progresso**, Guarulhos, v. 5, n. 2, p. 1-14, 2019.
- MARTINS, Lígia Márcia; EIDT, Nádia Mara. Trabalho e atividade: categorias de análise na Psicologia Histórico-Cultural do desenvolvimento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 675-683, 2010.
- MOREIRA, Ana Rosa Picanço; SOUZA, Tatiana Noronha. Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da Psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2016.
- PASQUALINI, Juliana Campregher. **Contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento infantil e ensino em Vygotsky, Leontiev e Elkonin**. 2006. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2006.
- RIBEIRO, Ana Claudia Silveira *et al.* Qualidade de vida no ambiente escolar como componente da formação do cidadão: desejos e carências no espaço físico. **Revista Monografias Ambientais**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 1850-1857, 2012.
- SILVA, Claudionor Renato; SILVA Valcene Batista. Um estudo sobre a arquitetura e as mobílias na educação infantil. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 1-19, 2019.
- SINGULANI, Renata Aparecida Dezo. **As crianças gostam de tudo-o-que-não-pode**: crianças em novas relações com a monitora e a cultura no

espaço da creche. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009.

SKALINSKI JÚNIOR, Oriomar. Técnicas de entrevista e sua aplicação em pesquisas científicas. *In*: GONZAGA, Maria Teresa Claro; TOLEDO, César de Alencar Arnaut de (org.). **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011. p. 173-202.

SOUZA, Renata Junqueira de; HERNANDES, Elianeth Dias Kanthack; SILVA, Isabela Fernanda Roberto da. A organização do espaço escolar na educação infantil. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 165-180, 2016.

THIESEN, Juarez da Silva. Tempos e espaços na organização curricular: uma reflexão sobre a dinâmica dos processos escolares. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 241-260, 2011.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança (1940-1970). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 67, p. 3-16, 1988.

VITTI, Sylvia Cristina de Azevedo; AZEVEDO, Maria Alice Salvador Busato de. Reflexões sobre o desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural: relações e inter-relações da mediação cultural, da escola e do professor. **Revista Profissão Docente**, [S. l.], v. 18, n. 39, p. 360-372, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, 2007.